



**“Do Oiapoque ao Chuí só dá Vanderci”:
tecendo ensinamentos e compartilhando saberes**

***All We See from Oiapoque to Chuí Is Vanderci:
Promoting Learning and Sharing Knowledge***

Clézio Roberto Gonçalves

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Ouro Preto, Minas Gerais / Brasil

cleziorob@gmail.com

<http://orcid.org/0003-4095-6683>

Valter Pereira Romano

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina / Brasil

valter.romano@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-8882-3188>

O convite feito à Vanderci de Andrade Aguilera se deve, sobretudo, pelo comprometimento da professora e da pesquisadora com o trabalho e a pesquisa na área da Dialetolegia, da História da Língua e da Sociolinguística. É um compromisso generoso com a formação de seus alunos que, formalmente, está registrado, contabilizando 74 orientações de iniciação científica, 39 monografias, 32 dissertações e 24 teses.

Na história linguística do Brasil é relevante sua contribuição, desde a publicação do quinto atlas elaborado no Brasil, em 1994: *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR) e como Diretora Científica, desde 1996, do Projeto do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), contribuindo para a formação de novos pesquisadores da área e para o entendimento do português falado no território brasileiro. Afinal, “essa mulherzinha contamina com esse jeito de não parar nunca. Mulherzinha, mulherão. Pequena no tamanho e enorme na generosidade...” (ALTINO, 2012, p. 7).

A trajetória profissional e acadêmica de Vanderci Aguilera se faz por meio de um compromisso grande e responsável com a área da Dialetoлогия, como pode ser visto nos inúmeros artigos, capítulos e livros publicados, como autora e coautora, dos quais destacamos: *A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas* (1998); *Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos* (1999); *A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer* (2005); *Para a História do Português Brasileiro: vozes, veredas, voragens* (2009); *Atlas Linguístico do Brasil: descrevendo a língua, formando jovens pesquisadores* (2014); *Atlas linguístico do Brasil: descrevendo a língua, formando pesquisadores* (2016); *A Geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados* (2016); *Estudos geossociolinguísticos brasileiros e europeus: uma homenagem a Michel Contini* (2016).

Vanderci Aguilera é uma mulher guerreira, saiu desbravando o território brasileiro para poder coletar dados do português brasileiro falado, com vistas à publicação do *Atlas Linguístico do Brasil* (2014). Logo se percebe que

[...] para ver a língua portuguesa por dentro é preciso não ter medo das distâncias, não se amofinar com as intempéries e ter coragem de ‘bater pernas’, motivos pelos quais conseguiu, até o presente, com a sua equipe, palmilhar acima dos 100.000 km de chão (pisado diretamente, navegado pelos rios, plainado pelos ares). (MOTA; CARDOSO, 2012, p. 8)

Esta entrevista aconteceu no contexto do isolamento social, devido à pandemia do coronavírus (COVID-19) que assolou grande parte do mundo. Com isso, optou-se pelo registro das respostas às questões, via e-mail. Contudo, essa adaptação necessária não comprometeu a tenacidade, a atenção, o entusiasmo e o carinho da entrevistada em compartilhar conosco suas experiências e seus conhecimentos relacionados às atividades de pesquisa e de ensino na área da Dialetoлогия e da Língua Portuguesa.

Clézio Gonçalves/Valter Romano: Professora Vanderci, para você, o que significa exatamente Geolinguística?

A Geolinguística, além de ser um ramo da Dialetoлогия que se ocupa da distribuição espacial das variantes linguísticas, é a arte de distribuir essas variantes dentro de cartas geográficas. Digo arte porque

acredito que não basta ter as técnicas mais avançadas de cartografia de dados, se o pesquisador não tiver sensibilidade no momento de selecionar os informantes, de abordá-los, de conduzir o questionário da forma mais natural possível e de, principalmente, diante da multiplicidade de formas coletadas, saber examinar cada uma delas, ver o que deve ser mapeado, decidir pela pertinência de incluir formas que foram dadas, às vezes, por apenas um informante.

Lembro-me de, quando coletava os dados para o *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR), ao indagar sobre os *dentes caninos*, esperava esta resposta, ou então *presas*; no entanto, obtive de apenas um informante a resposta *curnio*. Eu nunca havia lido ou ouvido essa palavra em lugar nenhum. Poderia tê-la desprezado, como inadequada, mas tentei recuperá-la historicamente, buscando nos metaplasmos as mudanças que poderiam ter acontecido. E aí fui reconstruindo cada fonema: u<>o, r<>l, io<>lho e cheguei a *colnilho*, depois o dicionário me apontou o verbete *colmilho*, do castelhano, *colmillo*, dentes caninos. Uma preciosidade: vestígios da influência espanhola na fala de um paranaense “de raiz”.

Clézio Gonçalves/Valter Romano: Em que difere Dialetoлогия e Geolinguística?

A Dialetoлогия é a disciplina que investiga a variação regional, diatópica, isto é, busca verificar a distribuição areal dos fatos linguísticos: lexicais, fonéticos, gramaticais e a sua relação com o *topos*, o local onde eles se manifestam. Tradicionalmente, entendemos que a Dialetoлогия pode ser estudada segundo três métodos básicos: (i) o *monográfico*, em que se estuda um tema específico em dada localidade, como por exemplo, a fala dos sericultores em Londrina, coletada, sobretudo, *in loco*.

Esses dados são descritos e analisados na perspectiva diatópica; (ii) o *lexicográfico*, em que se faz o levantamento da variação lexical de determinada atividade, por exemplo, e os dados são dispostos sob a forma de léxicos, vocabulários, dicionários, entre outros (atualmente, esses trabalhos estão mais afeitos à Lexicologia, à Lexicografia e à Terminologia); (iii) o *cartográfico*, quando se dispõem os dados coletados em mapas ou cartas e dizem respeito à Geografia Linguística, ou Geolinguística. Devido aos avanços e à expansão dessa última, para alguns dialetólogos, e neles me incluo, os estudos geolinguísticos já podem ser considerados um ramo da Dialetoлогия e não apenas um método dessa área de investigação.

Clézio Gonçalves/Valter Romano: Como foi o seu primeiro contato com essa área?

Em 1985, ingressei no mestrado da Universidade Estadual Paulista – campus de Assis com um projeto de pesquisa voltado para a sintaxe do ponto de vista da gramática normativa. Como professora de Português no Ginásio (atualmente Fundamental II) e no Colegial (hoje Ensino Médio), o que se exigia do aluno e do professor é que soubessem classificar períodos, orações e seus termos. Sempre me intrigou a diferença entre o adjunto adnominal e o complemento nominal e, confesso, muitas vezes eu não conseguia distingui-los. Com um projeto para investigar esse problema, fui para a entrevista na UNESP, tendo escolhido o professor Rafael Hoyos Andrade como orientador.

Quando as aulas começaram, o professor Rafael me recomendou cursar a disciplina de Dialetoлогия com o professor Pedro Caruso. Saí deslumbrada da primeira aula: eu que nunca tinha ouvido falar em Dialetoлогия, o que era, qual sua importância, senti que ali era o meu lugar! Comunicar ao meu orientador a mudança de rumo não foi fácil, porque ele esperava que eu fizesse minha dissertação dentro da Gramática Funcionalista de Martinet.

Para o trabalho de conclusão da disciplina de Dialetoлогия, escolhi investigar a fala dos sericicultores de Londrina e um novo mundo se abriu diante de mim: conhecer a atividade da criação do bicho-da-seda, aprender a construir um questionário dialetológico, buscar e selecionar informantes, ir para o campo, estudar a forma de melhor abordá-los e a de realizar as entrevistas, pesquisar sobre a primeira indústria londrinense de seda, visitar a Bratac, (atualmente a única indústria da seda sul-americana), levantar os dados e trabalhá-los manualmente, sem qualquer auxílio da tecnologia, foram desafios que tive que vencer a cada dia.

Depois, veio outro desafio: escolher o tema da dissertação: o professor Caruso me comunicou que não havia nenhum trabalho sobre o falar londrinense. Esse foi o gatilho para a dissertação: *Aspectos linguísticos da fala londrinense: esboço de um atlas de Londrina*, orientada pelo professor Hoyos Andrade e defendida em julho de 1987, perante uma banca constituída pelo professor Caruso, da UNESP de Assis; o professor Zágari, da Universidade Federal de Juiz de Fora que é um dos autores do Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais; e o professor João Penha, da UNESP de Araraquara. Pedro Caruso foi o professor que me fez mudar a forma de ver o mundo da linguagem oral.

Na sequência, no exame de seleção para o doutorado, embora tivesse preparado um projeto para comparar a linguagem oral de falantes de duas localidades paranaenses, meu orientador, Rafael Hoyos Andrade, respondeu por mim: ela vai fazer o Atlas Linguístico do Paraná. E, por ser obediente, o fiz.

Clézio Gonçalves/Valter Romano: O Atlas Linguístico do Paraná é uma obra que retrata a fala de paranaenses rurais da década de 80. Gostaríamos que nos contasse como foram as experiências e os aprendizados que o ALPR lhe proporcionou enquanto pesquisadora.

Sou de origem caipira, nascida na Água da Taboca, comunidade rural de Sertanópolis, no norte do Paraná, filha de mineiro e paulista. Passei minha infância, juventude e parte da vida adulta naquela cidade. A linguagem dos meus pais e avós me intrigava, ou me deixava *encafifada*, mas nunca *disacurçada*. Ouvia, na fala deles, palavras e expressões mágicas como *derradeiro*, espiga *ingrim*, chorar como um *marruá*, lavar a *patente*, *carpir uma data*, não *relá* a mão no fogo, saber que um vestido não *ornava* com o sapato, além de ter um irmão que chamávamos de Vardo, mas era o Valdenir; de guardar nossos objetos no *barcãozinho*, mesmo que fosse um pequeno balcão.

Apesar desse histórico de vida, fazer o Atlas Linguístico do Paraná foi uma experiência enriquecedora porque a realidade do norte não é a mesma do sul, nem a do litoral, nem a da capital, nem a do oeste paranaenses. Muito menos a realidade da cidade com a do campo.

Falar de toda a experiência do ALPR, quando visitei 65 localidades do interior paranaense, levaria muito tempo, pois, conhecer outras culturas, outras formas de olhar a natureza e a vida, é sempre surpreendente e inusitado. Aprendi, sobretudo, que preparar um questionário em uma biblioteca ou sala de estudos e acreditar que ele seja adequado e suficiente aos objetivos da empreitada, é muito diferente do momento de aplicá-lo no campo em que o pesquisador tem que se “reinventar” para obter a resposta adequada.

Uma das centenas de experiências de que me lembro, durante a pesquisa de campo, foi a dificuldade de obter a palavra *árvore*, como resposta a *como se chama aquilo que existe na mata e se corta para tirar uma tora?*, por exemplo. Acreditava que, para qualquer falante do português, haveria uma única resposta: *árvore* e suas variantes fonéticas: *arve*, *árvi*, *arvre*..., mas, em muitas localidades, o informante

me respondia *pau* ou *madeira*. Era o que ele buscava na mata: um pau para fazer as ferramentas de trabalho (cabo da enxada, do martelo), ou madeira para fazer sua casa, seus móveis. Então, tentava outras fórmulas: eu apontava no quintal da casa dele uma árvore e perguntava: O que é aquilo? Aí, meu desespero era maior, porque eles respondiam, com todo o conhecimento da flora local: abacateiro, mangueira, araribá, monjoleiro, pau d' alho, santa bárbara, cinamão (cinamomo), peroba... conforme a árvore que eu apontava. Restava o *derradeiro* recurso: desenhar uma árvore. E a resposta, finalmente: – tá parecendo uma *árvi*.

Assim, uma resposta que deveria ser apenas fonética, para mostrar a variação de uma proparoxítone, rendeu também uma carta lexical e um mundo de conhecimento e de respeito à cultura e à sabedoria daquelas pessoas.

Clézio Gonçalves/Valter Romano: Como surgiu o Projeto ALiB na sua carreira e como foi o seu ingresso na equipe?

Em meados de 1996, recebi uma carta da querida e saudosa professora Suzana Cardoso, me convidando para o Seminário Nacional *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil* que aconteceria no início de novembro daquele ano na Universidade Federal da Bahia. Estava sendo convidada como autora de atlas publicado para apresentar o ALPR naquele evento. Eu havia defendido minha tese em 1990 e o ALPR foi publicado em 1994. O mesmo convite foi feito a outros autores de atlas estaduais, como a professora Socorro Aragão, uma das autoras do *Atlas Linguístico da Paraíba*; o professor Mário Zágari, do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*. Autores de atlas em andamento, como o professor Walter Koch, um dos autores do *Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil* e o professor Dercir de Oliveira, mais tarde diretor do *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* participaram do evento. Igualmente estiveram presentes vários sociolinguistas, como Sílvia Brandão, Dinah Callou, Abdelhak Razky, Albana Nogueira, Hilda Vieira, entre outros. Também contamos com a ilustre presença do professor Michel Contini, da Universidade de Grenoble, aclamado padrinho do ALiB. No final do evento, a Suzana expôs o real objetivo do encontro: o de lançar a ideia de um atlas para o Brasil. Acatada a proposta, foi constituído o Comitê Nacional. Quando a Suzana pediu indicações de nomes, eu fiquei torcendo para alguém se lembrar de mim: nesse momento, o querido professor Dercir Oliveira,

também de saudosa memória, pediu para incluírem meu nome. Fiquei muito lisonjeada e feliz!

Clézio Gonçalves/Valter Romano: “Do Oiapoque ao Chuí, só dá Vanderci”, esse era o jargão usado pela saudosa professora Suzana Cardoso (UFBA), ex-Diretora Presidente do Projeto ALiB. Com isso, gostaríamos de registrar, aqui, se possível, sua experiência, enquanto Diretora Científica do Projeto ALiB, ao viajar pelo Brasil para coletar dados.

Ninguém faz nada sozinho na vida e eu não fiz nada sozinha no ALiB, projeto humanamente impossível de ser realizado por uma só pessoa. Como Diretora Científica do ALiB e Coordenadora da Regional Paraná, contei com uma equipe brilhante de alunos e duas colegas de trabalho na UEL: a professora Fabiane Altino, que me acompanhou nas viagens, realizou entrevistas, orientou alunos e hoje é a vice-coordenadora da nossa Regional; e a professora Aparecida Isquerdo que havia se aposentado da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e veio para a UEL como professora visitante pela CAPES, colaborando na pesquisa de campo, na orientação de bolsistas, nas atividades de transcrição e revisão das entrevistas, na organização de todo o material do ALiB, entre outras, com toda a dedicação e conhecimento que a caracteriza. De outra parte, nossos orientandos da pós-graduação e nossos alunos bolsistas de IC ou voluntários foram imprescindíveis em todas as etapas. Sem a cooperação deles, não teríamos terminado, até hoje, de transcrever as mais de 400 entrevistas que fizemos. Foram dezenas de eficientes e inesquecíveis colaboradores, que aprenderam a amar o ALiB e a levar seus conhecimentos vida afora; principalmente alguns que se destacaram na vida acadêmica e na Geolinguística, como a Greize Silva, a Hélen Silva e o Valter Romano, que ora me entrevista.

Não posso me esquecer, no entanto, do incrível apoio familiar: meu marido e meus filhos que, inclusive, me acompanharam em muitas viagens; e minhas auxiliares domésticas que tornaram nosso trabalho menos árduo. Meu marido havia feito uma cirurgia cardíaca em novembro de 2008 e se dispôs a viajar para o interior de Minas Gerais (Uberlândia, Três Patos, Unaí, Campina Verde), três meses depois da intervenção cirúrgica. Claro que consultamos o seu médico antes, mas dirigiu por mais de 3.500 km. Quinze dias depois fomos para Chuí, passando por Vacaria e voltando por Porto União (SC): viagem de mais de 4.000 km, dividindo a direção comigo e a Fabiane Altino.

Viajar pelo Brasil é o sonho da maioria de todos nós, mas viajar com o propósito de conhecer pessoas, entrar em suas casas, comer de sua comida e beber de sua bebida, saber de suas vidas, conversar com elas, ouvir suas histórias, reconhecer as variedades do português falado nos mais distantes rincões de nosso país, não tem preço.

No ALiB, tínhamos sete regionais alocadas nas universidades federais do Pará, Paraíba, Bahia, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul e Paraná. Com o falecimento dos professores Koch e Zágari, e a saída do professor Altenhofen, os trabalhos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina passaram a ser feitos pelo professor Felício Margotti da UFSC; e os de Minas Gerais, pelas Regionais da Bahia e do Paraná. Foi assim que a equipe paranaense realizou 412 das 1100 entrevistas (37,4%), as quatro últimas em Ouro Preto, em 2017, com a valiosa ajuda do Clézio Gonçalves, professor da UFOP, também autor desta entrevista. A equipe da Regional Paraná visitou 94 localidades das 250 (37,6%), totalizando 110.460 km percorridos.

Inicialmente, coube à Regional Paraná a responsabilidade pela coleta de dados no Amapá, Paraná e São Paulo. À medida que íamos cumprindo nossas metas e, verificando a dificuldade das demais equipes, passamos a colaborar com as demais Regionais na pesquisa de campo (no todo ou em parte dela) e na tarefa de transcrição dos dados das entrevistas feitas nos Estados: Amapá, Roraima, Amazonas, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, isto é, do Oiapoque ao Chuí.

Clézio Gonçalves/Valter Romano: Em se tratando do Projeto ALiB, quais os desafios e aprendizados no trabalho de equipe com pesquisadores de todo o país, alunos de graduação e pós-graduação? E como se dá a troca de aprendizados entre as gerações de pesquisadores no Projeto?

O ALiB vai completar bodas de prata no próximo ano e posso afirmar, com segurança, que formamos uma família muito unida e solidária. É como se disséssemos, “*mexeu com um, mexeu com todos*” e *#somos todos ALiB*. Sabemos que trabalhar em equipe é sempre um desafio. Qualquer sociedade tem seus embates, mas tivemos a sorte de ter na direção a Suzana Cardoso e a Jacyra Mota que souberam contornar, com toda a delicadeza e sabedoria, os pequenos desencontros de ideias em favor de um ideal maior. Infelizmente, durante esses 20 anos, quase uma dezena de colegas já partiu desta vida terrena. Cada um deixou um legado

de trabalhos valiosos para o bom andamento do ALiB e eles são sempre lembrados com saudade e gratidão. A partida da Suzana Cardoso deixou a equipe arrasada: ela era nosso porto seguro, tinha sempre a palavra certa na hora certa. Felizmente, a Jacyra Mota, que sempre esteve ao lado da querida amiga e colega, mesmo ferida pela dor da perda, tomou o leme para conduzir a nave com maestria. Como dizia a Suzana: *et la nave va*.

Quanto a trabalhar com alunos da graduação e da pós-graduação é uma experiência enriquecedora: a equipe pioneira, mais experiente, se revigora junto ao grupo jovem, mais sonhador e cheio de energia. A Suzana teve a preocupação de ir agregando pouco a pouco os novos talentos. Alguns meses antes de falecer, em reunião do Comitê, pediu que cada componente indicasse um pesquisador de sua Regional para ingressar na equipe diretora, evitando, assim, que os trabalhos sofressem solução de continuidade no caso de ausência de algum de nós. Hoje, graças a essa medida, o Comitê se renovou ao lado dos mais jovens dando uma nova cara ao ALiB.

Há, todavia, um aspecto negativo quando incluímos graduandos e pós-graduandos na equipe local porque, quando eles se formam e têm que deixar o projeto para concretizar os projetos de vida profissional, muitas vezes longe da universidade, fica o vazio que será preenchido por gente nova que irá, novamente, dar os primeiros passos. Aprendemos muito com eles, principalmente na área da tecnologia que eles dominam com muita facilidade e onde eles navegam fluidamente enquanto nós, da outra geração, emperramos por muito tempo.

Clézio Gonçalves/Valter Romano: Quais as metas para o futuro desse Projeto?

Dois volumes do ALiB foram publicados em 2014: o primeiro com a apresentação e metodologia; o segundo com cartas fonéticas, lexicais, morfossintáticas e prosódicas relativas aos dados das capitais. Ainda há muito por fazer. Não vamos abandonar a nave. Ao contrário, a equipe planeja, reflete, busca soluções e assume o compromisso de explorar o máximo possível as respostas das questões que ainda não foram contempladas nos dados das capitais e das demais localidades do interior. Para isso, o auxílio da tecnologia e a experiência adquirida com os volumes iniciais em muito contribuirão para que os resultados venham à luz em menor tempo que os anteriores. Confiamos plenamente na dedicação das próximas levas de jovens pesquisadores que serão

incorporadas em futuro breve, levando a cabo o desiderato dos pioneiros. O material recolhido servirá de fonte para centenas de trabalhos e para muitas gerações.

Clézio Gonçalves/Valter Romano: Como você avalia os caminhos trilhados pelos estudos geolinguísticos no Brasil até hoje?

Com otimismo e esperança. Há um grande esforço de pesquisadores de todas as IES envolvidas em acertar. Sabemos que muitos trabalhos poderiam ser mais bem desenvolvidos, porque já contavam com a experiência de equipes respeitadas pela academia, como a da Bahia, da Paraíba, do Paraná, do Rio Grande do Sul, do Mato Grosso do Sul, entre outros. Mas acredito que o espírito crítico vá se refinando, tendo em mente o aperfeiçoamento de trabalhos anteriores. É assim que a ciência avança: avaliando os acertos e evitando os erros.

Se pensarmos que até o final do século passado, em quase quarenta anos haviam sido publicados apenas cinco atlas estaduais (BA, MG, PB, SE e PR) e agora, com apenas vinte anos de século 21, temos concluídos e/ou publicados um atlas nacional (ALiB), um regional (ALERS) e seis estaduais (PA, AP, CE, PE, TO, MS), além de outros em pleno desenvolvimento (RO, MA, ES), verificamos que a Geolinguística no Brasil deu um salto considerável, em quantidade e em qualidade, por contar com recursos tecnológicos mais modernos tanto para a gravação e análise dos dados, como para a elaboração das cartas. Lembramos também das dezenas de atlas de pequeno domínio, municipais (só no Paraná, temos os atlas de Tamarana, Adrianópolis, Londrina, Curiúva, entre outros) ou regionais (Oeste, Norte Pioneiro do Paraná, Oeste de São Paulo).

O que mais nos entusiasma é saber que já há movimentos para fazer novos atlas, ou retomar unidades federativas que ainda não os têm, como São Paulo e Minas Gerais, dois estados de importância incalculável para a história do Português Brasileiro.

Clézio Gonçalves/Valter Romano: Gostaríamos que comentasse, mais um pouco, sobre o que representou/representa a professora Suzana Cardoso para você e para a Geolinguística brasileira.

Falar da Suzana é tarefa muito difícil porque ela reuniu em si o que há de melhor no ser humano, como mãe, esposa, avó, amiga, colega, acadêmica, escritora, religiosa. Como educadora, sempre

foi modelo para seus alunos e continua sendo. Como pesquisadora, altamente comprometida com tudo o que fazia, são irrepreensíveis sua postura, dedicação, honestidade e seriedade. Como criadora e primeira Diretora Presidente do ALiB, podemos afirmar com absoluta segurança: era a pessoa ímpar para uma tarefa tão gigantesca. Sua capacidade de liderança fazia todos se sentirem iguais, fraternos e muito seguros sob a sua orientação. Tão seguros que a chamávamos carinhosamente de *madre superiora*. Era uma visionária, uma líder além do seu tempo, pois, ao mesmo tempo em que buscava conduzir os trabalhos com base na tradição geolinguística soube acatar as inovações que não param de surgir, vislumbrando, como ela dizia, um atlas de terceira geração.

Clézio Gonçalves/Valter Romano: Que contribuições a Dialetoлогия e a Geolinguística podem dar ao ensino e de que modo você pensa que isso se daria em termos práticos?

Essas disciplinas são importantes para profissionais de qualquer atividade, não só para os que cuidam da linguagem. Quantos equívocos não seriam evitados se médicos, advogados, juizes, engenheiros, policiais, enfim tantos outros, soubessem o básico da linguagem popular regional? Se pudéssemos vivenciar a realidade linguística e social do outro? Em minha cidade, Sertanópolis (PR), ninguém sabia o nome da rua em que morava: havia apenas um ponto de referência: rua do Ginásio, da Venda do seu Amâncio, do Hospital, do Cinema... e isso irritava advogados de cidade grande, considerando a resposta da testemunha, ou do acusado, uma falta de respeito.

Um médico recém-formado e vindo da capital ficou perplexo porque o paciente lhe dissera que “tinha ido aos pés” várias vezes aquele dia. Uma menina nordestina que morou em minha casa durante um ano (dos seis aos sete anos) nunca havia visto um cacho de uva ou um pedaço de palmito. E a testemunha em uma audiência que afirmou que o acusado, não era seu amigo, mas seu *compadre de fogueira*, irritou o juiz que desconhecia a tradição de, durante os festejos juninos, os fiéis passarem pelas brasas da fogueira levando a imagem do santo de sua devoção!

É óbvio que nenhum curso vai dar conta de toda a história e cultura populares, mas pode conscientizar o futuro profissional de que existem diferentes formas de ver o mundo, de nomear os seres, de se expressar, que são tão legítimas (dentro das leis da história da língua), tão corretas e belas como qualquer outra. Na escola, a variação linguística de qualquer

natureza (diatópica, diastrática, diassexual, diageracional, diamésica, diarreferencial...) não deveria ser um tópico estanque do Programa ou apenas um capítulo do livro didático, mas uma postura do professor e do aluno em todos os momentos na sala de aula.

Clézio Gonçalves/Valter Romano: Quanto à formação de novos pesquisadores, de que modo você vê o espaço da Dialetoлогия e Geolinguística nos currículos dos cursos de Letras e dos Programas de pós-graduação em Letras, Linguística e/ou Estudos da Linguagem?

Não só hoje, mas historicamente, a Geolinguística nunca ocupou um lugar de destaque nos cursos de Letras e dos Programas de pós-graduação em Letras, Linguística e/ou Estudos da Linguagem das Universidades brasileiras, salvo raríssimas exceções como na UFBA, UNESP-Assis e UFRGS, onde os estudos nasceram, deram frutos e continuam atraindo jovens pesquisadores. A Geolinguística chegou ao Brasil pelas mãos e esforços de pesquisadores do Rio de Janeiro, como Serafim da Silva Neto, Antenor Nascentes e Celso Cunha, seus maiores propagadores, durante as décadas de 1950. Nas duas décadas seguintes, expandiu-se para a Bahia, Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul. Na década de 1980, estava no interior de São Paulo, principalmente, na UNESP-Assis e, no Paraná, na UFPR e na UEL.

Onde temos hoje núcleos atuantes na área? Na UFPA e UFAP, graças aos esforços do professor Razky e seus orientados, instituições responsáveis pelos Atlas do Pará e do Amapá; na UFAM, a professora Luíza Cruz, assim que defendeu sua tese, o *Atlas Linguístico do Amazonas*, conseguiu “seduzir” muitos alunos de IC e de Mestrado para a Geolinguística, principalmente pela riqueza e tão pouco explorada linguagem oral amazônica. Esse trabalho da Luíza foi o incentivo para que muitos deles concluíssem o doutorado em Programas de outras IES, como na UFSC e na UEL; na UFMA, sob a dedicação do casal Conceição e Mendes, diretores do *Atlas do Maranhão* e orientadores de trabalhos geossociolinguísticos de mestrados e de jovens pesquisadores de IC; na UFPB e UFCE, onde a professora Aragão orientou o *Atlas de Pernambuco* e outros de pequeno domínio, e continua disseminando seu entusiasmo por todo o Nordeste; em São Paulo, na USP, os professores Mourivaldo Almeida-Santiago e Irenilde Pereira dos Santos que formaram não só novos dialetólogos para atuar em várias IES, mas também fundaram núcleos de estudos para dar continuidade aos trabalhos que criaram; em

Minas Gerais, uma nova geração de dialetólogos está despontando com a proposta de elaborar um novo *Atlas de Minas Gerais*; na UFMS, a professora Aparecida Isquerdo há muito tem orientado dissertações e teses na área da Dialectologia na UEL; as professoras Fabiane Altino e Dircel Kailer, duas preciosas colaboradoras, que vêm orientando trabalhos de Geolinguística e incentivando a elaboração de atlas de pequenos domínios do interior do Paraná (Foz do Iguaçu, Curiúva, Rota do Café, Oeste, Norte Pioneiro, entre outros), São Paulo (Oeste) e Santa Catarina (São Francisco do Sul).

Atualmente, Kailer orienta uma doutoranda argentina que trabalha no Atlas da Terra del Fuego; na UFSC, Felício Margotti orientou vários atlas, sobretudo de pós-graduandos do Amazonas, e atualmente orienta uma tese sobre o atlas linguístico dos tropeiros – de Viamão a Sorocaba, com enfoque na rota do Paraná. São muitos os trabalhos de pós, oriundos das disciplinas Dialectologia e Sociolinguística, mas o que falta agora é um esforço maior para incluir essas disciplinas nos cursos de graduação em Letras, para formar uma base firme que garanta a continuidade dos trabalhos entre as gerações futuras.

Clézio Gonçalves/Valter Romano: Quais as “regras de ouro” para um bom dialetólogo em formação? Será que existem “regras de ouro”? Que conselhos você daria aos mais novos que querem se iniciar nessa área de estudo e de pesquisa?

Não sei se haveria um código áureo para nortear o trabalho, não só do principiante, mas de todo pesquisador. Só sei que a base de tudo na vida é o amor ao que se faz. Não foi o apóstolo Paulo que disse: “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o címbalo que retine?” O dialetólogo, antes de tudo, tem que ser apaixonado pela diversidade linguística e pelas pessoas ao seu redor, tem que colocar o amor em tudo que pensa, fala e faz. Esse amor é sustentado por um tripé: o primeiro deles, decorrente do amor, é o **respeito** pelas diferenças de qualquer natureza: dialetais, sociais, ideológicas, religiosas, sexuais, políticas. Sem respeito ao próximo, nosso trabalho é inócuo. O segundo, que também se origina do amor, a **compaixão**, no sentido etimológico da palavra: *cum+passione (patior)*, isto é, saber partilhar do sofrimento de outra pessoa, entender suas limitações, colocar-se no lugar de outrem, entender seus sentimentos e dúvidas. O terceiro é a **paciência**: ser dialetólogo é

saber esperar trabalhando, acreditando que ciência não se faz em um dia, que o conhecimento é cumulativo, é ter a humildade de saber que está contribuindo com um grão de areia nessa imensa praia chamada linguagem.

As questões aqui tratadas e a maneira como a pesquisadora e professora Vanderci Aguilera nos propõe reflexões sobre a Dialektologia e a Língua Portuguesa revelam “a diversidade que tem muito a ver com a pluralidade de interesses” (MOTA; CARDOSO, 2012, p. 13) de nossa entrevistada. Vanderci Aguilera é conhecida por seu dinamismo e energia, por seu despojamento e generosidade no compartilhar saberes, atenção e carinho.

Enfim, entre caminhos urbanos e veredas rurais, do Oiapoque ao Chuí, Vanderci Aguilera vai tecendo ensinamentos e compartilhando saberes, pois

[...] em nenhum lugar estará a história pronta, esperando a mão do linguista para colhê-la. Essa história terá que ser escrita pelo próprio linguista concomitantemente aos seus estudos linguísticos. Escrever essa história implica aprender a historicizar os conceitos que utilizamos, implica desenvolver modos de historicizar o nosso fazer disciplinar. (OLIVEIRA, 2001, p. 402)

Referências

ALTINO, Fabiane C. (org.). *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: nos caminhos de Vanderci Aguilera*. Londrina, PR: Midiograf, 2012.

MOTA, Jacyra A.; CARDOSO, Suzana A. M. Apresentação. In: ALTINO, Fabiane C. (org.). *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera*. Londrina, PR: Midiograf, 2012. p. 7-13.

OLIVEIRA, Gilvan M. de. Matrizes da língua portuguesa no Brasil meridional: 1680-1830. In: MATTOS e SILVA, Rosa V. (org.). *Para a história de português brasileiro: primeiros estudos*. São Paulo: Humanitas, 2001. p. 401-422.

Recebido em: 8 de outubro de 2020.

Aprovado em: 20 de outubro de 2020.